

ARAÚJO, Alexandre Falcão de. **O teatro de Cohab do Coletivo Alma**: uma experiência de quebra de muitas paredes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Unesp, Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes, Mestrado. Bolsista CAPES. Professor orientador: Alexandre Mate. Ator e arte-educador do Coletivo ALMA.

RESUMO

Este trabalho apresenta e discute a experiência do espetáculo teatral “Antes que a Terra fuja”, realizado pelo Coletivo ALMA (Aliança Libertária Meio Ambiente) entre 2004 e 2009 em espaços do Conjunto Habitacional (Cohab) José Bonifácio, em Itaquera, zona leste de São Paulo, dando foco às proposições formais que permitiram o estabelecimento de relações estético-políticas inovadoras no contexto em questão. Tal obra teatral foi criada a partir das vivências dos moradores e apresentada dentro dos espaços comuns e abertos dos prédios da Cohab, subvertendo os limites entre espaço público e privado e ressignificando o olhar da comunidade para o seu próprio ambiente de moradia. O grupo desenvolveu um processo singular de teatro militante por meio do qual, organicamente, seus integrantes se formaram como artistas e ativistas socioambientais, apropriando-se do teatro épico, da performance e de outros gêneros e linguagens, tendo como principal referência a busca relacional com a comunidade.

Palavras-chave: Coletivo Alma: Teatro de Cohab: Teatro de rua: Teatro épico: Teatro comunitário.

ABSTRACT

This paper presents and discusses the experience of the "Antes que a Terra fuja" (Before the Earth flees) theatrical presentation performed by the ALMA (Aliança Libertária Meio Ambiente) artistic collective, between 2004 and 2009, in public spaces of the COHAB, public housing complex in the José Bonifácio, neighborhood of Itaquera, on the east side of São Paulo, Brazil. Its focus is on formal propositions that allowed the establishment of innovative aesthetic-political relations in the context in question. This piece was created from the experiences of residents and presented within the public spaces and open

areas of the COHAB complex's apartment buildings, subverting the boundaries between public and private space and redefining the community members' view of their own housing environment. The group has developed a unique process of militant theater, through which its members have developed into artists and environmental activists, appropriating epic theater, performance and other artistic genre and languages, with the primary reference being the search for relationships with the community.

Keywords: Collective Alma: COHAB Theatre: Street Theatre: Epic Theatre: Community Theatre.

O coletivo Aliança Libertária Meio Ambiente – ALMA, foi formado em 2003 por jovens moradores do conjunto habitacional popular (Cohab) José Bonifácio, em Itaquera, extremo leste paulistano, a aproximadamente 25 km do centro da cidade. A história do grupo se confunde com a história do espetáculo *Antes que a Terra fuja*, sua primeira montagem teatral, estreada em 2004¹.

A obra, que teve três versões entre os anos de 2004 e 2009, é livremente inspirada no livro homônimo de Julieta de Godoy Ladeira (1996) e apresenta uma fábula infantojuvenil em que a *Mãe Terra* deseja fugir do sistema solar, devido aos impactos ambientais que está sofrendo. Durante sua trajetória, os demais planetas tentam convencê-la a ficar, enquanto ela se depara com diversas situações da realidade social “terrena”, entre elas a convivência conflituosa entre um catador de materiais recicláveis e os moradores de um prédio. O citado roteiro teatral foi a forma como um grupo de jovens que se reuniam na Casa de Cultura Raul Seixas (o único espaço público com oficinas culturais em um bairro com mais de cem mil habitantes) encontrou para dialogar com a comunidade sobre as questões socioambientais que emergiam da vida cotidiana.

Logo no início de sua trajetória, o grupo optou por realizar apresentações dentro dos prédios da Cohab, onde eles próprios moravam. O processo de circulação nos espaços de moradia foi um grande desafio para os

¹ Além dos trechos devidamente referenciados, a principal base para este resumo expandido é a dissertação de mestrado “O teatro político de rua praticado pelos coletivos ALMA e Dolores: estéticas de combate e sementeira” (ARAÚJO, 2013).

integrantes, pois se tratava de um processo de aceitação por parte dos mesmos, de encarar a própria realidade, enfrentar os problemas que existiam no local e assumir que eles podiam fazer alguma coisa para transformar aquela situação.

Inicialmente sem apoio financeiro e até mesmo sem nenhuma orientação técnica profissional, o coletivo criou, a partir de suas próprias experiências, com suas potencialidades e limitações, uma encenação para ser levada aos espaços abertos de convivência do bairro. Escrita a várias mãos – e sofrendo influência do livro homônimo (que tem uma estrutura mista de literatura e livro didático), a primeira versão da peça continha grandes trechos de textos explicativos, mais concernentes a aulas do que a teatro.

A fragilidade da dramaturgia, somada à inexperiência dos atores, criava dificuldades em relação ao alcance do objetivo proposto pelo grupo: comunicar-se com os moradores da COHAB acerca da temática do lixo e do meio ambiente. No entanto, a despeito da fragilidade técnica, a coragem para se arriscar e a disposição para “aprender fazendo” abriram caminhos para percepção de erros e acertos e para gerar ideias que viriam a aprofundar o trabalho proposto. No contato direto com o público surgiram propostas de intervenções concretas e pragmáticas na realidade dos conjuntos habitacionais, entre elas a implantação da coleta seletiva solidária, em parceria com uma cooperativa de catadores.

Nesse ínterim, em 2005, o grupo foi contemplado pela primeira vez no Programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, cujo edital é voltado para iniciativas culturais de jovens da periferia. A partir de então tem o início o projeto *Ação Recicla COHAB* e o grupo começa a aprofundar sua metodologia de ação na comunidade.

Toda intervenção do grupo é previamente agendada com um síndico ou liderança local. No dia das atividades os integrantes chegam ao local com algumas horas de antecedência e passam de porta a porta nos apartamentos dos prédios do entorno do local da apresentação, divulgando a programação cultural do dia, bem como explicando a proposta de implantação da coleta seletiva solidária e perguntando aos moradores se eles têm interesse em colaborar.

Na sequência, os atores vestem seus figurinos, se maquiam e aquecem voz e corpo para iniciar a apresentação teatral, que será realizada no melhor espaço possível daquela área do conjunto habitacional: praça, pátio, jardim, parquinho infantil, estacionamento ou laje. Desde a preparação tudo é realizado ao ar livre, o que já atrai o olhar do público e aguça a curiosidade das crianças. Criado em relação direta com a geografia e a identidade do Conjunto José Bonifácio o trabalho se caracterizou como um teatro itinerante, desafiando os limites entre o público e o privado: um *Teatro de Cohab*, por meio do qual “o cortejo de atores se infiltra no espaço coletivo familiar e transforma o morador debruçado na janela em público, o espaço cotidiano em espaço teatral, a soleira da porta do apartamento em boca de cena” (ALMA, 2010, s/p.).

Foto 1 – apresentação do espetáculo *Antes que a Terra fuja* em prédio do Conjunto José Bonifácio (2006). Ao fundo, moradores assistindo à peça das janelas de seus apartamentos.



Fonte: arquivo do grupo.

É possível cotejar a experiência do Coletivo ALMA, no espetáculo em questão, com as reflexões do professor Alexandre Mate, do Instituto de Artes da Unesp, ao considerar que o teatro de rua, em especial o que é feito nas comunidades, pode proporcionar a gestação de novos sentidos para o espaço, novas formas de ver e estar naquele lugar, pode funcionar como “rastilhos de

intervenção e de organização das comunidades”². Dessa forma, com o acontecimento teatral

[...] pode haver uma inversão na lógica que concebe o espaço público apenas como lugar de passagem: de lugar sem dono, de lugar do chefe, de lugar em que cada um pode fazer o que desejar... As artérias da cidade podem transformar-se em ‘zona de fronteira’, em quintais e continuação da própria casa de cada morador³.

Ainda segundo o autor, o teatro de rua, devido, entre outros fatores, à inexistência de quarta parede e às acessibilidades econômica e temática, promove um contato muito mais próximo com o público, tendendo a potencializar o jogo relacional.

Na experiência do coletivo ALMA o jogo relacional continua após a apresentação, quando o grupo realiza uma oficina com as crianças, geralmente trabalhando com materiais reutilizados para realização de jogos e exercícios, como estímulo para reflexão acerca da sociedade de consumo. Ao mesmo tempo ocorre um bate papo com os adultos, para apresentação da proposta da implantação da coleta seletiva no prédio, geralmente contando com a presença de um representante da cooperativa de reciclagem do bairro. Os atores se mantêm caracterizados enquanto conduzem as atividades pós-apresentação. Tal procedimento reforça o caráter explicitamente épico da encenação, o qual já é indicado deste o aquecimento prévio.

As oficinas pós-espetáculo seguem a mesma lógica da preparação à apresentação e a ludicidade instaurada na relação inicial com o público permite que novas camadas de significados se formem, reforçadas pelo fato de que boa parte dos atores são moradores da própria comunidade. A fantasia instaurada pela peça, que tem continuidade durante as oficinas, não depende de quarta-parede e ilusionismo. O jogo explicitado em que os atores se mostram como “atores fazendo as personagens” é que cria a magia do teatro, aceita como tal pelas crianças e por todos os presentes.

Após as atividades culturais propriamente ditas, tem início a parte estrutural da implantação da coleta seletiva, em que *bags* (grandes sacos de rafia) ou *containers* de reciclagem são instalados nos prédios, em parceria com

² MATE, 2009, p. 25.

³ Ibid. Loc. cit.

uma cooperativa ou com a concessionária municipal de coleta de resíduos. É neste aspecto que a complexidade das questões socioambientais se torna mais evidente e o grupo se vê em um embate concreto com a realidade, que causa enormes desafios, mas permite o amadurecimento de sua perspectiva política e, conseqüentemente, de seu discurso dramático.

Uma ação teoricamente simples: implantar a coleta seletiva em prédios da COHAB – passa a sofrer dificuldades devido a uma série de fatores. A precariedade das condições de trabalho e de vida dos catadores organizados em cooperativas de reciclagem; a escassez de políticas públicas sociais e ambientais voltadas a este público; a resistência de parcela dos moradores dos prédios, entre tantas outras questões, dificultam a continuidade das práticas de coleta seletiva na maioria dos prédios e levam o grupo a refletir sobre os limites de sua ação cultural.

No âmbito da peça, como resultado dessa práxis, o caráter de certa forma moralizante, de transmissão de “mensagem”, foi sendo substituído, na medida em que as certezas quanto às formas de militância socioambiental foram se desfazendo, pois o cotidiano de lutas se mostrava mais complexo do que imaginado inicialmente. A cena “O Catador e o Morador” sintetiza essa transformação, uma vez que houve uma sensível transformação na relação entre esses personagens ao longo das diversas versões da obra teatral em questão. Inicialmente, havia uma polaridade praticamente maniqueísta entre os dois, já nas versões mais recentes da peça, o dualismo é quebrado, surge mais de um morador em cena. Há moradores que “ajudam” o catador (dão comida, tem dó, se compadecem), há moradores que o ofendem, pois a violência está presente entre os moradores e também entre catador e moradores, indicando uma perspectiva dialética.

Ainda do ponto de vista formal, o coletivo ALMA experimentou no espetáculo *Antes que a Terra Fuja* diversos procedimentos que permitiram o estabelecimento de relações estético-políticas inovadoras no contexto de Itaquera. Entre os expedientes épicos utilizados na encenação, podemos citar: o cortejo como apresentação prévia da fábula; característica episódica/fragmentada da encenação; trechos em que os atores são narradores ou os próprios personagens são narradores; além de música como crítica e comentário das cenas.

Em algumas apresentações, de acordo com as relações de improviso estabelecidas em cada local, há a proposição de relações radicais com o espaço de encenação. Por exemplo, na cena do sumiço da *Terra*, os atores perguntam ao público presente: “cadê a Terra?”. A pergunta traz uma dualidade: se indaga pela *Terra* personagem e também pela terra elemento físico (solo).

As crianças saem em busca da *Terra* e por vezes ela ressurgiu junto a uma árvore no entorno do espaço cênico. Tal imagem tem grande impacto no público, pois realça o olhar dos moradores para os elementos naturais presentes em seu espaço de moradia. A cena ganha uma dimensão lírica, reforçada pela música instrumental que a acompanha. A força da imagem construída toca em aspectos arquetípicos da relação ambiente e sociedade, servindo também como sensibilização prévia para discutir a questão da arborização urbana nas conversas pós-espetáculo.

Em muitos dos locais de apresentação não há nenhuma árvore ou arbusto que possa ser utilizado durante a cena, vários dos espaços são completamente impermeabilizados. Assim, espécies vegetais brotando de rachaduras no cimento, plantas em vasos e jardineiras ou quaisquer resquícios de solo não impermeabilizado, são utilizados como referência para o ressurgimento da *Terra*.

Por meio da apropriação de diversas linguagens e gêneros, como o já citado teatro épico, além de elementos de teatro ritual, performance e de expressões culturais populares, o coletivo ALMA pratica, em seu espetáculo *Antes que a Terra fuja*, a arte como meio e como fim. De forma orgânica, a partir do enfrentamento da sua própria realidade, o grupo amadurece seu fazer artístico, imbricando a temática social à ambiental e apontando para formas de organização coletiva comunitária que seguem em curso no momento contemporâneo, lançando raízes a partir da zona leste de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alexandre Falcão de. **O teatro político de rua praticado pelos coletivos ALMA e Dolores**: estéticas de combate e semeadura. 2013. 183 f.

Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2013.

ALIANÇA LIBERTÁRIA MEIO AMBIENTE – ALMA. **Projeto Ritos de rios e ruas**. São Paulo, 2010.

LADEIRA, Julieta de Godoy. **Antes que a Terra fuja**: uma história pela limpeza do meio ambiente. São Paulo: Moderna, 1996.

MATE, Alexandre. **Buraco d'Oráculo**: Uma trupe paulistana de jogadores desfraldando espetáculos pelos espaços públicos da cidade. São Paulo: RWC, 2009.